
EM BUSCA DA UNIDADE DO SABER

Margarete Mota

Psicóloga, Mestre em Psicologia (UNIMARCO), Professora das disciplinas: Estudos Independentes/Projeto Experimental, Psicologia da Educação e Trabalho de Conclusão de Curso nos cursos de Pedagogia e Normal Superior da UNINOVE.

RESUMO

O propósito deste artigo é estabelecer uma reflexão sobre o trabalho interdisciplinar como eixo de uma proposta de construção do conhecimento no processo de formação de educadores e pontuar a importância da prática investigativa de alunos e professores neste processo. O texto final aqui apresentado resulta da contribuição de diversos docentes que se debruçaram na elaboração e implantação, na UNINOVE, da disciplina Estudos Independentes/Projeto Experimental.

Palavras-chave: interdisciplinaridade; iniciação científica; processo ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

The aim of this paper is both to establish a reflection on the interdisciplinary works as the axis of the knowledge building propose in the process of forming educators, and to point out the relevance of teacher's and students' investigate practices in this process. The final text is a result of several Professors' and Teachers' contributions, who have dedicated themselves for so long to the elaboration and application of disciplines such as Independent Studies/Experimental Project at UNINOVE.

Key words: interdisciplinarity; scientific initiation; teaching-learning process.

Nas últimas duas décadas, o termo interdisciplinaridade tem ocupado um espaço bastante significativo nas discussões pedagógicas no contexto da educação brasileira. Indiscutivelmente, dois nomes se destacam no cenário brasileiro como defensores da interdisciplinaridade: Hilton Japiassú (1976, 1993) e Ivani Catarina Fazenda (1991a, 1991b, 1998). Esses autores sofrem influência direta do filósofo francês Georges Gusdorf (1977). Entre as diversas concepções de interdisciplinaridade, optamos por citar o seguinte verbete:

Correspondendo a uma nova etapa do desenvolvimento do conhecimento científico e de sua divisão epistemológica, e exigindo que as disciplinas científicas, em seu processo constante e desejável de interpenetração, fecundem-se cada vez mais reciprocamente, interdisciplinaridade é um método de pesquisa e de ensino suscetível de fazer com que duas ou mais disciplinas interajam entre si, esta interação podendo ir da simples comunicação das idéias até a integração mútua dos conceitos, da epistemologia, da terminologia, da metodologia, dos procedimentos, dos

dados e da organização da pesquisa. Ela torna possível a complementaridade dos métodos, dos conceitos, das estruturas e dos axiomas sobre os quais se fundam as diversas práticas científicas. O objetivo utópico do interdisciplinar, diante do desenvolvimento da especialização sem limite das ciências, é a unidade do saber. Unidade problemática, sem dúvida, mas que parece constituir a meta ideal de todo saber que pretende corresponder às exigências fundamentais do progresso humano. Não confundir a interdisciplinaridade com a multi ou pluridisciplinaridade: justaposição de duas ou mais disciplinas, com objetivos múltiplos, sem relação entre elas, com certa cooperação mas sem coordenação situada num nível superior. (JAPIASSÚ,1993: 136)

A comunicação entre as diversas áreas do conhecimento apresenta-se, hoje, como uma das questões pedagógicas mais urgentes e inquestionáveis. Segundo Veiga-Neto (1998) o que se ensina na escola não é conhecimento, e sim uma mistura complicada de aspectos de conhecimento com tratamento didático-pedagógico que - após ser adaptado, transformado e, muitas vezes, mutilado - resulta naquilo que denominamos saber escolar. Esse autor entende que o papel da escola deve ir muito além de simples inculcadora de ideologias, lembrando que ela atende mais às necessidades do Estado do que às do indivíduo.

No entanto, a educação - ou prática escolar formal - visa à decodificação, reconstrução e compreensão de saberes acumulados pelo Homem ao longo de sua história. Esse processo de conhecer, aprender e o próprio ato de ensinar são realizados num determinado contexto sociocultural em que, por meio da linguagem, o Homem procura colocar ordem no aparente caos da realidade. Desse modo, cada pessoa tem uma individualidade ou subjetividade próprias (e uma personalidade única) e, além disso, tem idéias, valores, preconceitos e se comporta de acordo com determinadas regras definidas pelo convívio social. É esse processo de socialização, também realizado no interior das escolas por professores e alunos, baseado no intercâmbio entre suas respectivas experiências e conhecimentos, que possibilita ao indivíduo tornar-se um ser social e cultural no sentido pleno. Não se admite, portanto, que os conteúdos disciplinares de uma escola sejam trabalhados separadamente; é preciso recuperar uma visão holística do ser humano e sua produção cultural, na qual estão inseridas a ciência e a escola.

Não se pode esquecer de que a ciência e suas realizações (invenções e descobertas tecnológicas) somente se tornaram possíveis com o desenvolvimento de um pensamento crítico apoiado na experiência, na capacidade de raciocinar, relacionando os mais diversos elementos da natureza a partir do próprio senso comum, da intuição e do sentimento.

Nenhum saber pode ser transmitido sem que haja o mínimo de identidade corporal, lingüística e cultural entre as pessoas. Significa dizer que o sentido que se confere às coisas que nos cercam é dado de modo arbitrário por uma cultura. A educação formal (escolar) não só pode como deve levar em consideração este enorme inventário de comportamentos, verificando sempre como a prática docente e a discente estão embebidas no complexo cultural brasileiro. Do contrário, jamais entenderíamos o que ocorre dentro e fora das salas de aula das escolas brasileiras.

O século XX terminou com um notável progresso tecnológico e científico, mas não trouxe o equilíbrio entre o homem e a natureza, nem mais harmonia entre os homens. E nesse particular, a educação escolar tem um papel fundamental no processo de construção de um projeto de sociedade em que os diversos segmentos, tanto do governo quanto da sociedade civil, possam debater os grandes temas da atualidade que dizem respeito a toda a humanidade. Para isso, há que se investir em uma nova qualidade de educação que seja capaz de contribuir eficazmente para o enfrentamento de situações novas e desafiadoras. É preciso criar outras possibilidades de educação, com conteúdos e métodos mais elaborados que propiciem respostas à questão das diferenças individuais. Os professores devem estar preparados para se adaptarem às novas exigências do processo ensino-aprendizagem. Para tanto, faz-se necessário o desenvolvimento de programas estimulantes que ofereçam uma vasta gama de possibilidades para o desenvolvimento de novas atitudes e de novas habilidades profissionais.

A formação de educadores para o século XXI deverá também levar em consideração a necessidade de conscientização das comunidades quanto à importância de uma atuação da escola para descobrir, desenvolver e cultivar os futuros talentos. Para isso, o trabalho coletivo é imprescindível, devendo fundamentar-se no conhecimento acumulado em pesquisas docentes e discentes geradores de projetos eficazes que atendam às diferenças socioeconômicas e culturais. A escola deve transformar-se no espaço onde se fomente o desenvolvimento de novas habilidades e de novas competências para a convivência com a diversidade e a incerteza.

Diante da constatação da complexidade da sociedade, uma educação adequada será aquela que reconheça e respeite as diferenças; que propicie a aquisição de competências básicas para a socialização permanente das conquistas sociais e que assegure a construção e consolidação de valores culturais capazes de resistir às atitudes excludentes e preconceituosas. A educação deverá, enfim, favorecer o desenvolvimento

de comportamentos proativos capazes de reinventar, a cada etapa da vida, novos e mobilizadores papéis sociais.

O novo século e novo milênio traduz, em essência, um sentimento de esperança renovada que, por ser eminentemente humana e humanizadora, elege a prioridade educativa como sua aliada incontornável na edificação de uma nova ordem social, em que todos sejam levados em conta e cada um possa participar ativamente do processo de desenvolvimento que recupera a centralidade da pessoa na sua mais plena e inviolável dignidade. O combate às exclusões é, sem dúvida, um dos grandes desafios que se apresentam à educação, para o qual teremos de encontrar respostas. Para isso, é necessário que se fundamente em pressupostos científicos, retirando suas conclusões de dados que não sejam facilmente desvirtuados. A educação deverá também estar atenta à construção e à manutenção de valores éticos universais que promovam, além da tolerância, o gosto pela diversidade cultural.

As instituições de ensino superior são o *locus* privilegiado para o desenvolvimento de atividades que relacionem os objetivos da ciência e os das culturas. Representa um espaço de produção cultural e de estudo aberto à participação de todos, em constante disponibilidade para realizar os grandes debates sobre a transformação da sociedade, numa perspectiva que conecte as dimensões do local e do mundial. Para tanto, são fundamentais as atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Cabe às IES desempenharem um papel, nas comunidades interna e externa, que propicie um ambiente em que todos possam exprimir-se com independência e responsabilidade acerca de problemas éticos e sociais, como uma espécie de poder intelectual necessário para ajudar a sociedade a refletir, compreender, projetar e agir. Estamos vivendo uma crise planetária e a única arma de que dispomos para enfrentá-la é a ética da solidariedade, que na educação se apresenta como interdisciplinaridade, almejando a transdisciplinaridade. A crise que a humanidade vive hoje terá sido válida e extremamente positiva se possibilitar aos indivíduos e às sociedades as possibilidades de transformação, de reconstrução e de emancipação. Nesse contexto, reserva-se à educação um importante compromisso no processo de construção de uma sociedade que se apoiará nos princípios da solidariedade e do multiculturalismo.

Para se dar um exemplo de novas posturas para novos desafios, e consideradas as disposições legais que tratam da formação em nível superior para atuação na Educação Básica, é que foi implantada, no

início de 2000 - tanto no curso Normal Superior quanto no de Pedagogia -, a disciplina Estudos Independentes/Projeto Experimental, que se orienta por uma perspectiva interdisciplinar.¹ Trata-se de uma disciplina que constitui o eixo estratégico em torno do qual as diversas áreas do conhecimento - respeitadas as peculiaridades de cada uma delas - se articulam e se intercomunicam. A disciplina visa a atender as especificidades e interesses dos alunos - relacionados à proposta curricular básica -, não contemplados diretamente no processo ensino-aprendizagem, mas que apresentam uma inquestionável relevância para a formação dos educadores.

¹O relato da experiência desenvolvida com as turmas de Pedagogia e Normal Superior, no decorrer do ano de 2000, foi publicado na ECCOS Revista Científica-v.2,n.2 (dezembro 2000) São Paulo: Centro Universitário Nove de Julho, 2000.

O caráter experimental da disciplina estimula a criatividade do aluno e a investigação; sensibiliza-o para exercer, por si mesmo, atividades de aprendizagem autônoma, baseadas em pesquisa orientada e acompanhada por professor/orientador. Assim, representa um espaço ideal para a seleção dos alunos com aspirações e capacidade para desenvolver projetos de iniciação científica. A organização curricular prevê a definição de temas por meio de 'contrato pedagógico' firmado entre alunos e docentes de diferentes áreas e turmas. A definição de um objetivo comum e negociado possibilita a flexibilização dos papéis de professores e alunos e o estreitamento das distâncias que os separam.

A exploração do tema integrador deve ser uma via para a construção conjunta de novas significações nos vários domínios do saber. O ponto de partida é a ótica do especialista, que deve contribuir efetivamente para a instauração de um espaço comum de reflexão para professores e alunos. Nesse contexto, o professor desempenha o papel de mediador da construção do conhecimento e a aula é concebida como tempo potencial de criação de novas significações sociais que conduz à aprendizagem e à transformação.

Os temas definidos e as atividades previstas para a disciplina constituem o elo que transforma os projetos de cada professor em projetos interdisciplinares; cada docente deve incorporar, como opção metodológica, o valor dos projetos de pesquisa aos objetivos de sua disciplina para demonstrar que é fundamental investigar, buscar dados na realidade e utilizá-los para levantar questões que possam aprofundar os estudos e propor alternativas de solução.

É necessário alertar que a construção dessa nova maneira de conceber e realizar o processo ensino-aprendizagem impõe dificuldades desafiadoras tanto aos professores quanto aos alunos, principalmente no que se refere ao enfrentamento da herança de um aprendizado

estruturado numa visão fragmentada e positivista do conhecimento e da discussão de ações que refletem, na prática, a crítica às concepções que tomam a realidade como um conjunto de dados estáveis, sujeita a um ato de conhecer isento e distanciado.

Essa experiência nos mostra que, embora o ser humano busque sempre a segurança do previsível, a educação tem como ingredientes fundamentais projetos, utopias, ideais e valores. Ela guarda em si mesma as dimensões de futuro, antecipação ou não determinação, implicando a realização dos atores. Por esse motivo, o produto desse trabalho pode ser objetivado, mas não determinado antecipadamente.

Referências bibliográficas

- FAZENDA, Ivani Catarina. *Interdisciplinaridade um projeto em parceria*. S. Paulo, Loyola, 1991a.
- _____. (org.). *Práticas interdisciplinares na escola*. São Paulo, Cortez editora, 1991b.
- _____. *Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia*. São Paulo, Loyola, 1993.
- _____. (org.). *Didática e interdisciplinaridade*. Campinas, SP, Papirus, 1998.
- GUSDORF, Georges. *A interdisciplinaridade*. Revista de Ciências Humanas, Rio de Janeiro, V. 1, n. 2 1977.
- JAPIASSÚ, Hilton. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. RJ, Imago, 1976.
- _____. & MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993.
- VEIGA-NETO, Alfredo José da. Currículo, disciplina e interdisciplinaridade, In: SÃO PAULO (Estado) FDE: TOZZI, Devanil A (coord). *Currículo, conhecimento e sociedade*; 3ª ed. 1998. (Série Idéias, n. 26), p. 105-119.